

COMO ENCONTRAR O FUTURO EM JOÃO DOS SANTOS ¹

*palestra proferida pela Dra. Maria José Vidigal ²
Associação PsiRelacional
Lisboa, 12 de Janeiro de 2018*

João dos Santos nasceu a 15 de Setembro de 1913, oriundo de uma família da média burguesia, num bairro antigo da cidade de Lisboa. E, assim escreveu mais tarde: *Nasci num lugarzinho simpático com um ajardinado e uma pequena igreja no meio - a igreja dos Anjos.*

Foi educado de acordo com os valores da liberdade por um pai que se bateu pela República, sob as ordens de Machado dos Santos³ (1875-1921) que lutou pelos ideais republicanos.

João dos Santos tinha 3 tias, irmãs da mãe, *mais ou menos adoráveis*, como escreveu um dia:

- [...] *aprendi [...] com a tia Virgínia a apreciar a inteligência dos homens cultos e a cultura que vem nos livros. O marido desta tia foi deportado para Angola, acompanhado pela mulher, depois do 28 de Maio de 1926.*

- *Com a tia Ermelinda aprendi a apreciar os petiscos; Fazia filhós na véspera de Natal [...]*

- *Com a tia Aurora aprendi a ler [...]*

Um dos tios esteve preso na Cadeia do Aljube. Este edifício foi uma instalação prisional desde a ocupação muçulmana de Lisboa (séculos VIII-XII). Usado posteriormente como prisão eclesiástica, sofreu sucessivas adaptações e, após várias vicissitudes, depois de 1928, passou a ser a cadeia dos *presos políticos e sociais* do Estado Novo, de Salazar. Finalmente foi encerrado em 1965. Hoje pode ser visitado e alberga o Museu da Liberdade e da Resistência, sendo também ocupado pelos serviços do Ministério da Justiça.

Por ter nascido e vivido num bairro popular, João dos Santos foi impregnado pelo bulício das ruas e dos pregões das vendedeiras *A mulher da fava rica, o*

¹ Este texto não obedece ao novo acordo ortográfico

² Pedopsiquiatra e psicanalista

³ Machado dos Santos (1875-1921) lutou pelos ideais republicanos, foi preso, deportado para os Açores e depois assassinado em Lisboa.

aguadeiro que cantava há hú [...]. A senhora do "ierre, ierre, erre, mexilhão" [...]. Ainda se viam os rebanhos das cabrinhas e as manadas de vacas que eram ali mesmo mungidas à vista do freguês.

Tudo isto eu vi e ouvi e com isto compus algumas histórias que conto a mim próprio [...] como se fossem verdadeiras.

Na rua juntava-se com outros miúdos do bairro e jogava ali no Largo da Rua Maria à bilharda no Outono, ao pião no Inverno e "atirar barro à parede" na Primavera e ao berlinde no Verão. Jogar à bola de trapos era quando não chovia [...]

João dos Santos frequentou a escola da Dona Marquinhas, que recebia em sua casa os garotos do Bairro e o Sr. Castro, seu marido, o das grandes manámulas que nos cascava às vezes, eram liberais e livres pensadores [...].

Vou transcrever o que escrevi sobre a Escola: Andar na escola é uma expressão muito adequada para explicar que andávamos por lá à procura de uns recantos, nos corredores, na escada e na 'casinha', onde a nossa imaginação florescesse, ou andávamos a fugir para outros locais fora da escola, onde a nossa imaginação frutificasse. Andávamos a fazer jogo dramático sem sabermos.

O brincar escapa aos adultos que frequentemente o vêem como algo separado do aprender, o que é não só absurdo, como abusivo e cruel. [...]. Dançar, dramatizar, está, como se sabe, na origem de tudo o que é pensar.

A base de toda a educação é a livre experiência.

Depois quando foi para o Liceu, descobriu a Feira da Ladra, que era um mundo, como dizia!

*A sua educação audiovisual recebeu-a através das janelas do Mosteiro de S. Vicente que dá sobre o porto de Lisboa e nas incursões que fazia à Mouraria, Alfama, Campo das Cebolas e às docas das imediações e noutros bairros, praças e jardins, até no Campo de Santana, onde assistiu às cerimónias ao Dr. Souza Martins, que tem uma estátua em frente à Escola Médica. Este médico foi professor na Faculdade de Medicina de Lisboa e ficou célebre pelos conhecimentos científicos e idolatrado pelos pobres, considerado *milagreiro*.*

Também havia os encontros clandestinos com amigos, conhecidos e desconhecidos. A dois passos ficava a Faculdade de Direito e havia então reuniões dos alunos das duas Faculdades.

Certo dia, estavam os alunos reunidos e anuncia-se a entrada da PIDE⁴ na Faculdade. Rapidamente, o professor de anatomia, o Professor Vilhena, que estava numa reunião política com os alunos, simulou uma aula!

Da imensa lista de cientistas, médicos e professores, irei citar alguns que ele conheceu ou mesmo conviveu:

- Cesina Bermudes - proibida de exercer em qualquer hospital do país. Dado ser obstetra recebia as suas parturientes no Centro Materno-Infantil Dona Sofia Abecassis (onde João dos Santos também trabalhou) e fazia os partos na Clínica Cabral Sacadura e, nas que nada podiam pagar, talvez os fizesse em casa, arranjando ela os medicamentos junto dos Laboratórios. Cesina e Monjardino introduziram em Portugal o chamado *parto sem dor*.

- O físico Mário Silva, pioneiro em várias áreas da Física, foi demitido e com ele mais 13 professores! Acabou por emigrar!

- Bento de Jesus Caraça, matemático e um dos maiores vultos da intelectualidade portuguesa. Foi com ele que o universo cultural da Matemática ganhou uma nova dimensão. Foi professor universitário e militante do partido comunista. Fundou e colaborou com colegas, nomeadamente Mira Fernandes, as revistas Seara Nova e Vértice. Foi preso pela PIDE e demitido; morreu com 48 anos de doença cardíaca.

- Abel Salazar, médico e cientista de renome internacional. Formou-se com 20 valores, na Faculdade de Medicina do Porto. Era um Homem completo: cientista, escritor, pintor, filósofo, professor universitário, deu cursos de Artes. Foi demitido de todos os cargos e proibido de exercer qualquer actividade.

- Outros exemplos de figuras de renome no nosso país, que foram demitidas: Aurélio Quintanilha, Manuel Rodrigues Lapa, Sílvio Lima.

- Manuel Valadares que se licenciou em Física na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e faleceu em 1982. Também foi Assistente do Instituto Português de Oncologia (IPO). Esteve 2 anos a trabalhar no Instituto do Rádio de Genebra e aperfeiçoou as suas capacidades de investigador no Laboratório Curie, onde obteve o doutoramento em 1933, sob a supervisão de Marie Curie.

Depois de regressar a Portugal, dedicou-se a investigar Física Nuclear e a Electrometria dos Raios X.

⁴ A PIDE (Polícia Internacional de Defesa do Estado) foi a polícia política portuguesa entre 1945 e 1969.

Esteve um ano na Itália num Laboratório de Investigação e regressou a Portugal e em 1947 foi demitido por Salazar, juntamente com um grupo grande de destacados cientistas e professores universitários.

Nesse mesmo ano regressou a Paris, a convite de Irène Joliot-Curie, onde ocupou diversos cargos académicos. Chegou a ser director do Centro de Investigação em Paris e, uns anos depois, director do Centro de Espectrometria Nuclear e de Espectrometria de Massa, em Orsay, até 1968. Foi premiado pela Academia das Ciências, em França, e em Portugal, depois do 25 de Abril: Membro Honorário da Sociedade Portuguesa de Física, em 1979. O Governo conferiu-lhe o Grau de Oficial da ordem de Sant'Iago da Espada, por serviços prestados ao país e em 1981- Grau de Doutor Honoris Causa pela Universidade de Lisboa.

O próprio poeta Fernando Pessoa, inicialmente simpatizante do regime de Salazar, em 1935, no último ano da sua vida, envia uma carta a Carmona, Presidente da República, acusando Salazar de se ter afastado da Inteligência portuguesa.

Faço referência a todos estes intelectuais porque, seguramente, tiveram muita influência no percurso de vida de João dos Santos, sempre fiel aos seus ideais democráticos.

João dos Santos começou por tirar o Curso da Escola Superior de Educação Física e foi professor no ensino privado e nos Cursos de Divulgação de Educação Física, nos bairros populares de Lisboa.

Em seguida licenciou-se em Medicina e fez o estágio em Neurologia.

Desde jovem compreendeu que a *Educação e a Saúde tinham que ver com a democracia e que eram incompatíveis com a ausência de Liberdade*. De facto, era um Homem moderno e intemporal e... movia-se sempre no sentido da descoberta.

A sua formação humanista e democrática, possivelmente ter-se-ia cimentado no contacto, sobretudo em Paris, com grandes intelectuais, desde Valadares, que acabei de referir, e mais:

- Soeiro Pereira Gomes, escritor e militante comunista. Tirou o Curso de Regente Agrícola em Coimbra, esteve um ano em Catumbela (Angola), onde exerceu a sua profissão. Morreu aos 40 anos de cancro do pulmão.

- Joaquim Seabra Dinis (1914-1996) licenciou-se em Medicina, na Universidade de Coimbra e tirou o Curso das Ciências Pedagógicas na Faculdade de Letras. Foi um brilhante intelectual e com uma grande capacidade de trabalho,

colaborando em diversas revistas e jornais. Dedicou a sua vida profissional à Psiquiatria, participou na organização dum plano nacional da assistência psiquiátrica. Apesar de ter uma formação organicista em relação à Psiquiatria, no que respeita à Psicanálise, fez uma profunda análise às suas capacidades e limitações, não se limitando a uma crítica destrutiva. Chegou mesmo a realçar a investigação séria e profunda que Freud fez da mente humana.

- Gustavo de Castro, Armando Pena e tantos outros.

Em 1941, João dos Santos estagiou numa instituição onde se fazia o diagnóstico, tratamento e reeducação das crianças e adolescentes, de todo o país, que manifestavam anomalias psíquicas - era o Instituto António Aurélio da Costa Ferreira.

Ainda eu própria fui à Biblioteca, que era uma das melhores do país, se não mesmo da Europa, pela intervenção do Professor Vítor Fontes. Tinha um ficheiro muito bem organizado, que me serviu de inspiração.

Todavia, a faceta centralizadora do Instituto António Aurélio da Costa Ferreira, desencantou-o de tal modo que o levou a pedir a demissão para ir trabalhar para o Hospital Júlio de Matos (1941), iniciando a prática com o seu Mestre Professor Barahona Fernandes.

Entretanto, por ter assinado um documento a pedir eleições livres, a 5 de Janeiro de 1945, saiu um Despacho emitido pelo Subsecretário de Estado de Assistência Social, Trigo de Negreiros, que referia: *Declaro sem efeito o meu Despacho de Setembro de 1945 na parte em que autorizo o Hospital Júlio de Matos a contratar o médico João Augusto dos Santos.*

Nessa altura foi chamado ao Subsecretário para lhe comunicarem que era não só demitido das suas funções oficiais, mas também ficava proibido de entrar naquele ou em qualquer outro hospital.

Numa atitude corajosa e arriscada, o Prof. Barahona Fernandes disse: *Enquanto eu for Director deste Hospital, o Dr. João dos Santos entrará no meu Serviço quando quiser!* (22 de Janeiro de 1940).

João dos Santos não entrava pelo portão principal, mas por um outro ao lado, que era o do acesso à casa do Professor. Porque ficou sem remuneração e para evitar problemas a Barahona Fernandes, a quem ficou sempre grato, partiu para Paris com a mulher (os seus filhos Zé e Paula permaneceram em Lisboa) em 1946 onde trabalhou, durante quatro anos, no Centro de Pesquisas Científicas de França e no Laboratório de Biopsicologia da Criança, contactando com grandes nomes da Psicologia, Psiquiatria e da Psicanálise, tais como, Henri Wallon,

Georges Heuyer, Julian de Ajuriaguerra, Henri Ey, depois com René Diatkine e Serge Lebovici. Estes dois últimos seguiram as novas correntes psicodinâmicas e tornaram-se psicanalistas. Lebovici foi o pioneiro da psicanálise infantil em França.

O seu contacto estendeu-se também a outros intelectuais e artistas nomeadamente Picasso, Paul Éluard, Louis Aragon, e a portugueses (Alves Redol, Fernando Lopes-Graça...) que também estavam no Congresso Mundial dos Intelectuais para a Paz, em Wroclaw (ainda em ruínas na sequência da II Guerra Mundial), na Polónia, em Agosto de 1948, em homenagem a este povo mártir.

Em 1947, João dos Santos foi admitido pela Comissão de Ensino na Sociedade Psicanalítica de Paris e, em 1950, regressou a Portugal.

Em 1965 foi nomeado Director do Centro de Saúde Mental Infantil de Lisboa, em detrimento do Professor Schneeberg de Athayde. Com poucos técnicos, começou por visitar todas as instituições dedicadas à infância, de Lisboa e Grande Lisboa.

A primeira visita (à noite), foi ao Instituto António Aurélio da Costa Ferreira, onde ele, no passado, tinha sido Assistente.

Eu própria tive a oportunidade de assistir a essa reunião, se bem que fosse estagiária no Hospital Júlio de Matos, tendo como Assistente António Esteves, recentemente falecido. Aliás, foi ele que me o apresentou, dizendo: *Aqui está o Dr. João dos Santos, a pessoa com quem você poderá aprender a psiquiatria da criança*. Então João dos Santos convidou-me a assistir às reuniões que ele fazia na Clínica Infantil e a outras, tal como no Costa Ferreira.

Na que foi realizada nesta instituição, uma jovem professora, bonita, apresentou o caso de uma criança que tinha sido seguida, sem sucesso (como teve o cuidado de sublinhar), no Centro de Saúde Mental Infantil de Lisboa, acabado de se formar. A senhora utilizou uma técnica de Vítor Fontes que compreendia, entre outras coisas, a apresentação de uma série de pranchas e exprimia-se com muito entusiasmo. Depois Vítor Fontes perguntou-lhe qual a opinião sobre o método que tinha sido utilizado para levar a tal sucesso. A resposta de João dos Santos, não agradou minimamente a Vítor Fontes: *O que salvou esta criança, evitando o fracasso escolar, foi a extraordinária relação que a professora estabeleceu com ela...*

No Instituto António Aurélio da Costa Ferreira, no início, ninguém podia falar em João dos Santos, mas depois os ânimos acalmaram-se, devendo-se essencialmente à capacidade conciliadora de João dos Santos.

Eu, decepcionada com a Psiquiatria Geral, pensei logo em seguir aquela especialidade, se bem que ainda não estivesse organizado a carreira do Internato Médico da Especialidade em Pedopsiquiatria.

Uma primeira grande lição, à época verdadeiramente revolucionária e, sem cair em exageros: as famílias e as crianças que atendemos nos Serviços Públicos, merecem-nos tanto respeito como as que atendemos no privado. Isto significava que a maneira de receber as pessoas, a pragmática social adequada à situação, não diferia quer se estivesse num local ou noutro. E, de igual modo, o não fazer esperar as famílias, como era corrente nos serviços públicos.

E assim, a prostituta que actuava no Cais do Sodré, era recebida com a mesma deferência que a doutora que vinha à consulta! O efeito e o impacto que esta atitude tinha sobre as mães, só é possível apreciar e valorizar quando se viveu uma tal situação.

Era um gosto vê-lo observar uma criança, nunca interpondo uma mesa ou secretária e, como dizia, *em primeiro lugar é necessário deixarmo-nos observar [...]*.

João dos Santos actuava da mesma maneira, quer estivesse no serviço público quer no consultório, como tive ocasião de observar. Além de psicanalista de adultos, ele reservava uma tarde por semana para crianças e respectivas famílias, com a colaboração dos colegas mais novos: seguiram-se vários, tal como Manuela Reis, Margarida Mendo, eu própria, depois Teresa Ferreira e outros.

Foi uma experiência fundamental para a minha formação. Ele fazia a entrevista com os pais e eu observava a criança. Depois vinha ter comigo ao gabinete e colocava a questão: *Porque é que acha que os pais pediram a consulta?* Foi a forma mais importante de aprendizagem da clínica de psiquiatria da infância.

João dos Santos dinamizou e participou na fundação de instituições e serviços, abrangendo diversas áreas da Saúde e da Educação, dando uma nova perspectiva à Prevenção e ao tratamento das perturbações psíquicas da criança.

Em 1954, fundou com Rosa Bemfeito, o Colégio Eduardo Claparède e com Maria Amália Borges (1919-1971) criaram os dois primeiros centros psicopedagógicos - na Voz do Operário e no Colégio Moderno (que pertencia a Mário Soares, que foi Presidente da República, em Portugal, após o 25 de Abril).

Anos depois fundou o Centro Infantil Helen Keller, a Liga Portuguesa dos Deficientes Motores, a Associação Portuguesa de Surdos...

E não parava: assim, criou ou ajudou a criar uma série de instituições e fundou com as médicas Maria de Lurdes Levy (1921- 2015), a segunda mulher a doutorar-se em Medicina, em Portugal, e Dora Bettencourt, a Liga Portuguesa contra a Epilepsia e colaborou na criação do Centro de Saúde Mental Infantil de Lisboa, do qual foi o 1º Director, na década de 60 do século XX. No Dispensário Central e no Hospital Pediátrico Dona Estefânia existiam equipas de serviço ambulatorio, tal como nas Clínicas Infantis do Hospital Júlio de Matos.

Também foram criados outros serviços: Laboratórios de Bioquímica e de Electroencefalografia; a Escola dos Cedros (Serviço para Adolescentes); a Unidade da Primeira Infância (UPI); a Casa da Praia - Externato de Pedagogia Experimental.

Foi o inspirador do IAC – Instituto de Apoio à Criança.

E promoveu colóquios e seminários para alertar os técnicos e políticos para os problemas das crianças. E, como disse João Sousa Monteiro ele criava coisas não para as reter, mas para as lançar...

No Serviço de Psiquiatria do Hospital de Santa Maria, de manhã, fazia reuniões abertas com os psiquiatras, às quais eu também assisti, em que apresentavam doentes difíceis para que ele os entrevistasse e os ajudasse na orientação...

Foi desta forma informal que ele sensibilizou uma série de técnicos de todas as especialidades nas áreas da Psiquiatria, da Psicologia, da Educação, da Saúde e da Justiça.

Recordo que, um dia, uma das professoras da Clínica, no Hospital Júlio de Matos, apanhou um estalo de uma menina doente. Ela, desesperada com a situação, apanhou um táxi e foi ao centro da cidade onde se localizava a sede do Centro de Saúde Mental Infantil de Lisboa, apresentar a sua demissão por se ter sentido incapaz. Ora bem, João dos Santos, não só não lha deu, como organizou um Colóquio que tinha por tema as reacções e atitudes dos técnicos face aos doentes ...

Outra prova que ele fazia (que eu designava por *prova de fogo*) era entregar uma criança ou um adolescente a um estagiário de qualquer área que viesse pedir um estágio. Nunca dava qualquer informação clínica. Em conclusão: ou o candidato aguentava a situação ou então desistia, como aconteceu algumas vezes!

Eu não fui sujeita a esta prova, nem a uma entrevista prévia, como acontecia a todos que pretendessem fazer um estágio no Centro, muito provavelmente devido à intervenção de Margarida Mendo (1923-2006) por quem ele tinha

especial consideração e com quem eu tinha trabalhado e também colaborado num estudo sobre Prematuros nascidos na Maternidade Alfredo da Costa, no ano de 1960.

João dos Santos considerava que a construção da saúde mental se iniciava na infância precoce, mesmo antes do nascimento, e assim, a investigação nesta área, em Portugal, teve início há mais de 50 anos, em que lançou a psiquiatria da infância e da adolescência, a nível europeu.

Além disso considerava que a saúde mental não é um campo estritamente médico, necessitando da contribuição dos educadores, professores, de sociólogos, filósofos, urbanistas e que era um assunto demasiado sério para ser entregue só aos psiquiatras.

Ao falar com o psiquiatra, grande amigo, companheiro e seu primeiro assistente, Pistacchini Galvão (1925-2017) afirmou, na década de 70 do século XX: *Maria José, tivemos muita sorte em termos conhecido e termos sido formados por João dos Santos que foi, sem dúvida, um daqueles Homens que raramente aparecem no panorama científico do nosso país!*

João dos Santos tinha uma particularidade que irritava sobretudo os médicos vindos do estrangeiro - não dava bibliografia. Mas, como dizia Margarida Mendo: *Ele não dizia leia isto ou aquilo... mas ao pé dele ficava-se mais inteligente e o que ele nos ensinava não vinha nos livros.*

João dos Santos foi o criador da moderna saúde mental infantil em Portugal e o grande impulsionador na viragem da especialidade de Psiquiatria Infanto-Juvenil, que passou depois a uma especialidade autónoma em relação à Psiquiatria Geral.

Mas mais: devolveu-nos um novo olhar sobre o desenvolvimento da criança e sobre a educação na família, na escola e na comunidade, criando concepções originais para a formação de pais e professores.

Com o seu jeito muito particular, de voz pausada e tranquila, lutou pela criação de serviços de saúde mental que continham as sementes da prática e dos princípios científicos que preparavam o futuro.

Criou uma obra que ainda hoje ajuda a compreender as causas mais profundas do sofrimento psíquico da criança, do adolescente e do jovem.

Mas o seu interesse também se estendia em ter uma relação muito viva com a Arte e os artistas e chamar a atenção para a responsabilidade de cada um na vida pública.

João dos Santos, na década de 60, do século passado, criticava a escola em Portugal porque não desenvolvia as capacidades criativas da criança. Cerca de 40 anos mais tarde, em 1998, Sir Ken Robinson, líder cultural visionário que liderou o Comité Consultivo sobre a criatividade e a educação cultural no Governo Britânico, chegou à mesma conclusão: as escolas estavam de facto a criar bons trabalhadores, mas não pensadores criativos!

Por exemplo, os alunos inquietos de espírito e mesmo os hiperactivos, habitualmente são estigmatizados, com terríveis consequências. E, quase sempre, a energia e a curiosidade destas crianças nunca são valorizadas e, portanto, aproveitadas.

Ora bem, João dos Santos teve sensivelmente a mesma opinião! Nós tratávamos crianças hiperactivas, após um diagnóstico rigoroso da patologia subjacente, utilizando apenas métodos psicoterapêuticos.

Assim, ele dizia também que não se dava qualquer valor à importância da Arte para a formação da criança, dos pais e dos professores, considerando que, o que mais se aprendia na vida não vem nos livros: amar, brincar, dançar, que estão na origem do pensar. Daí o ter estabelecido contacto com a *Escolinha de Arte* de Cecília Menano.

João dos Santos defendia o sonhar e o pensar para se opor à administração indiscriminada de drogas, que apenas faziam bem aos calos e à queda do cabelo, como ironizava.

Há cerca de 60 anos dizia que o mais importante no nosso trabalho, consistia em estabelecer, em primeiro lugar, uma relação com a criança cliente, depois com os pais consultantes, ambos potencialmente clientes, tendo necessidade de cuidados. Assim, para além do seu interesse pela criança, também não esqueceu os pais, estabelecendo com eles uma aliança terapêutica, o que constituía um elemento-chave no tratamento. A nossa ambição é a de tornar a sua existência e a dos filhos mais suportável, como defendia João dos Santos.

Para ele, não fazia sentido, estudar a psicologia ou a psicopatologia da criança como um ser isolado – estabelecer e fortalecer uma relação humana entre eles, é o nosso objectivo. Daí o facto de ser perigoso fazer-se uma aliança com a criança contra os pais.

No entanto, tornar relevante o seu papel, não é de modo nenhum culpabilizá-los. Mesmo, por vezes, quando a atitude dos pais é de profunda hostilidade, apenas serve para esconder a sua angústia. [...] quem vive emocionalmente mal, tem mais probabilidade de adoecer [...]

A família actual, face às rápidas e profundas modificações socioeconómicas, tende a fragmentar-se e a alienar-se, correndo o risco de aparecerem perturbações mentais, particularmente evidentes nas grandes metrópoles.

Pelo facto de ter sido disléxico, desde muito cedo (anos 40 do século passado), João dos Santos esteve ligado aos problemas da educação, quer estudando e discutindo com outros companheiros, quer no plano prático, dialogando com as meninas órfãs e asiladas ou outros meninos das escolas dos Bairros Populares de Lisboa.

Estabeleceu contacto com Maria Amália Borges (1919-1971), a primeira mulher em Portugal a formar-se em Pedagogia, a quem se deve a redescoberta da grande aventura Pedagógica de Célestin Freinet (1896-1966) e dos métodos da Escola Moderna, nesse Portugal cinzento e amordaçado.

No Centro Infantil Helen Keller, dedicado às crianças cegas ou com visão deficiente, integraram-se, pela primeira vez em Portugal, crianças sem quaisquer problemas nessa área. E foi nesta escola ímpar que se introduziu a pedagogia de Freinet, instituição à qual João dos Santos também esteve ligado. Aliás, podemos dizer que esteve ligado a todas as correntes modernas e inovadoras no nosso país, quer da área da pedagogia quer da área da saúde mental infantil.

Freinet é outro nome que não podemos esquecer. Foi o facto de ter experiências desagradáveis na escola que o levou depois à necessidade de a modificar. Ao casar com uma artista plástica, o casal formou a sua própria escola. O facto dos seus métodos de ensino serem divergentes da política oficial, causavam desconfiança e daí ter sido exonerado. Com o escritor Romain Rolland (1866-1944) lançou um projecto *Frente da Infância*.

Freinet esteve preso num campo de concentração, onde adquiriu uma grave doença pulmonar, o que dificultava a sua actividade como professor, dado não poder falar muitas horas, o que o levou a introduzir na escola o uso da imprensa.

Nada o demoveu de prosseguir os seus ideais em relação à modificação da escola, lançando mesmo uma campanha nacional para que cada classe tivesse apenas 25 alunos.

Em vários países existe, nestes últimos anos, uma preocupação crescente em instalar programas de acções preventivas e terapêuticas no domínio da primeira infância, e na investigação das diferentes parentalidades e na necessidade de definir as noções de risco e de resiliência. De igual modo se tem estudado as competências sensoriais e interactivas precoces da criança.

Na década de 60 do século XX, ouvimos João dos Santos criticar e lamentar a indiferença das entidades superiores, quando defendia a necessidade e a obrigatoriedade de se estabelecerem medidas preventivas. E esses programas seriam mais facilmente exequíveis nos Serviços Materno-Infantis dos Centros de Saúde. Daí ter iniciado essa intervenção no Centro Materno-Infantil Dona Sofia Abecassis e, anos depois, no Centro Polivalente Domingos Barreiro, na cidade de Lisboa.

João dos Santos defendia que essa integração nunca devia ser imposta por decreto, de modo que, foi a pedido do pediatra Rosa Paixão, ao qual se seguiu uma série de palestras sobre a saúde mental infantil, a partir da qual foi destacada uma pedopsiquiatra (inicialmente eu própria e depois seguiram-se outras colegas).

Curiosamente, foram enfermeiras (Rosélia Ramos e Cunha Teles), formadas pela Escola Técnica de Enfermagem do Instituto Português de Oncologia, que tinham uma melhor formação na área da Prevenção na Saúde Pública e que mais facilmente se sensibilizaram para as medidas preventivas de Saúde Mental. O grande mérito de João dos Santos foi precisamente fazer a integração da Saúde Mental Infanto-Juvenil na Saúde Pública, com a colaboração das enfermeiras, num trabalho muito original e inovador que tivemos o privilégio de acompanhar.

Com as enfermeiras, João dos Santos elaborou um *Standing Orders*, tipo manual, cujo objectivo principal era permitir aos técnicos (Enfermeiros e Pediatras) dos Dispensários Materno-Infantis e Centros de Saúde, detectarem precocemente os sinais ou sintomas, aparentemente banais na criança, para melhoria da saúde mental, e poderem actuar imediatamente, evitando-se a *psiquiatrização* de certas dificuldades, facilmente resolúveis nesta etapa da vida da criança.

Hoje pode ser uma intervenção corrente e banal, mas não é seguramente nos mesmos moldes. Todavia, naquela época, era profundamente original, mesmo a nível europeu. Experiência idêntica foi realizada no Estado de São Paulo (Brasil) pelo Professor Yan, mas sem terem conhecimento um do outro

Outra característica de João dos Santos, a sublinhar: nunca impunha os seus pontos de vista ou por não se julgar o detentor da verdade ou por respeito ao outro? De facto, ele tinha a atitude do cientista que caminha cautelosamente nas suas explorações da mente e das relações, sem certezas absolutas!...

Ora bem, surge então uma questão fundamental: será possível favorecer o desenvolvimento e a conservação de um elo afectivo estável e seguro entre a criança e os seus pais ou isto é o resultado da natureza de um processo

espontâneo em que não há qualquer intervenção, nem é necessária? Será que esta ligação pode ser tratada, reparada?

João dos Santos sempre defendeu que existia uma função terapêutica da Pedagogia e uma função pedagógica dos Tratamentos e dos Cuidados Psiquiátricos. Assim, em 1975, nasceu a Pedagogia Terapêutica, que pôs em prática na Casa da Praia, hoje Centro Doutor João dos Santos.

Para João dos Santos, a Arte de Educar e a Arte de Curar seriam idênticas nas suas bases. A Arte de Educar, de Curar e Amar são uma e a mesma coisa, na esteira de Freinet para quem educar é um acto de amor.

Se a criança entender o verdadeiro valor da amizade e a importância da partilha, a vida será mais simples e maior alegria tirará com o passar dos anos. Assim, o segredo da vida não é ter tudo o que se quer, mas amar tudo o que se tem ... ou [...] é mais importante aquilo que o mestre é, do que aquilo que sabe.

Quando visitava as instituições, estava atento a tudo e nunca esqueci a visita a uma instituição de crianças cegas, com as salas completamente vazias, sem qualquer adorno, sem uma jarra de flores. Perante a justificação desse facto: *porque eram crianças cegas*, a sua resposta parecia paradoxal: precisamente por isso, era importante haver flores e tudo o mais... e depois dava a explicação dessa necessidade de criar ambientes agradáveis e bonitos... porque as crianças sentem o que se passa à volta delas, mesmo sendo cegas e até para o próprio pessoal!

Outra intervenção que achava essencial na formação dos técnicos, qualquer que fosse a sua especialidade, era a articulação com a Justiça. É preciso dizer-se que o Juiz Armando Leandro (Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça) foi a peça fundamental nesta ligação.

Transcrevo aqui um artigo seu publicado n' *O Jornal da Educação*, Dezembro de 1978⁵.

CAVALEIRO DA ORDEM DA MAÇÃ REINETA

Numa instituição de observação e tratamento de crianças-problema, onde trabalho, uma mãe trouxe um dia a filha, em idade escolar, para ser examinada. O avô paterno e o pai plantaram-se à porta, com o intuito

⁵ Cf. também, *Ensaio sobre Educação – II: O Falar das Letras*. Lisboa: Ed. Livros Horizonte, 1991, pp 227-229.

confesso de tirar a criança à mãe, quando ambas saíssem. Tinham para isso razões jurídicas, muito válidas, talvez mesmo legalmente incontestáveis. Na instituição, porém, as pessoas consideravam que lhes não competia decidir a entrega da menina ao pai, contra a vontade da mãe. Pensavam, acho que com razão, que o assunto devia ser resolvido diante do meritíssimo juiz, e não à porta da rua. Entendíamos, portanto, que a criança devia sair sob protecção das autoridades, para ir com os pais ao Tribunal e, ali, os interessados decidirem como fazer, de forma a que a menina não fosse objecto de uma disputa dilacerante. Enquanto pelo telefone e directamente, toda a equipa falava ou tentava falar com as autoridades, a criança viveu 30 horas de angústia, instalada numa casa sem condições para servir de habitação. As autoridades não sentiram, não ouviram, não perceberam mas... explicaram, explicaram, explicaram, pelo telefone e em directo. Cerca de 30 horas a explicarem o que não entendiam. O assunto não competia a ninguém, ou melhor, era empurrado de uma entidade para outra, de um para outro Ministério, de um burocrata para outro burocrata.

Uma criança praticamente sequestrada, em risco de ser posta perante a luta violenta dos pais que fisicamente se propunham disputá-la, não mereceu de nenhum funcionário, alto ou baixo, o mínimo de atenção! Nenhum? Não sei. Será o juiz Leandro um funcionário?

Já ouvira falar do juiz Leandro, mas não o conhecia. O nome era-me simpático. Leandro era amigo de meu pai, que, sendo eu menino, aparecia lá em casa e se instalava durante todo o tempo que duravam as "revoluções" dos anos 10 e 20. Entretanto, os dois amigos discutiam política e eu ouvia-os com muita curiosidade, mas sem entender nada.

Um dia, perguntei e o meu pai explicou-me: ele, meu pai, era republicano, e o Leandro era monárquico. Mas disse-me: ele é o meu amigo. O Leandro morava num bairro popular de republicanos e receava ser molestado, quando havia agitação. Refugiava-se lá em casa, porque lá tinha a certeza de ser respeitado e defendido — explicou-me o meu pai.

O amigo Leandro conversava comigo e explicava-me coisas simples da vida. Dizia-me, por exemplo: "Aqui, em Lisboa, não é necessário usar relógio, nem trazer fósforos no bolso. Toda a gente tem... perguntam-se as horas, pede-se lume..." - e ria-se muito. Eu também. Achava-o simples, ingénuo e infantil, como eu. *Era um homem maduro;*

sabia falar com as crianças. Por isso, nas horas dramáticas que vivemos a proteger a menina do litígio entre os pais, quando me disseram que havia um juiz chamado Leandro⁶ que era um *homem bom*, não duvidei. Disseram-me também que ele seria a pessoa indicada para resolver o problema, e que iria receber os pais da criança. Assim aconteceu. Eles foram finalmente recebidos, sem os requerimentos, as esperas que estavam previstas. O juiz Leandro recebeu-os sem formalidades, fora das suas horas, apenas porque foi, como pessoa, sensibilizado pela situação. Porque ouviu, entendeu e se dispôs a resolver como pessoa, um problema que não lhe competia resolver como funcionário. Tinha já começado a cair a noite, nesse dia, talvez o mais dramático da vida da menina. Eu reflectia em como tinha sido bom encontrar, entre tanta gente a quem tínhamos recorrido, um homem bom e sensível, o juiz Leandro, que não era burocrata nem explicava as leis. Encontrei-me diante dele assim como um Sancho em admiração por um D. Quixote, naquele fim de dia triste. Lembrei-me que D. Quixote dizia: “Cegos são os que só vêem a realidade”. E pude confirmar com que extraordinária sabedoria o juiz Leandro tinha visto, para além da realidade das leis e dos interesses legais dos pais, o interesse vital da criança indefesa, ameaçada na sua vida emocional. Reflectia sobre tudo isto, quando as companheiras de trabalho, Maria Vitália e Leonídia, me vieram dizer que a menina me queria falar. Fui ter com ela à sala de espera. Não parecia angustiada mas, até de certa maneira, eufórica, aliviada. Quando me viu, foi ao seu saco, tirou dele uma maçã reineta e estendeu-ma. Aceitei aquela dádiva com entusiasmo incontido...

Depois de me despedir do juiz Leandro, saí daquele casarão de frio mármore e de granito, onde fica o Tribunal, mais rico com aquela maçã e mais honrado com aquela distinção. Honrado com o que imaginei ser a “Ordem da Maçã Reineta”. E fiquei a pensar se o simpático Juiz Leandro também seria contemplado. Gostava de estar com ele na mesma confraria...

João dos Santos

O Jornal da Educação, Dezembro de 1978.

⁶ Juiz Conselheiro Dr. Armando Acácio Gomes Leandro.

Com efeito, personagens ímpares no panorama político, científico e humano do nosso país!

No verão *quente* de 1974, após a Revolução dos Cravos, numa reunião na Aula Magna do Hospital de Santa Maria, completamente cheia, uma enfermeira de Pediatria, exaltada, dizia que tinha na sua enfermaria uma menina de quem não gostava, embirrava com ela! Ouviram-se gritos de indignação de todos os lados. Tranquilamente, João dos Santos, dá-lhe os parabéns porque ela tinha ousado falar de uma coisa que muita gente pensava, mas não dizia! E perguntava: *porque é que esta menina não se deixava amar?* Então deu uma lição sobre as pessoas incapazes de amar, porque nunca foram amadas... Ficámos com a convicção que *salvou* aquela relação.

João dos Santos lamentava que as autoridades de saúde mental manifestassem um total desinteresse pela prevenção, e creio ter sido este um dos factores que o levou a interessar-se pela Educação, acreditando que seria no período escolar, o último da vida da criança, em que poderiam ainda ser eficazes as medidas preventivas. E assim em 1970, durante cinco dias, realizou-se no Hotel do Porto Novo, no Vimeiro, um seminário de Higiene Mental na Escola, onde estiveram presentes, além das equipas de Saúde Escolar de Lisboa e arredores, o francês André Berge, Rui Grácio, Bairrão Ruivo e tantos, tantos outros, muitos já falecidos.

Pode concluir-se que a saúde mental não é um campo estritamente médico e é um assunto demasiado sério para ser entregue só aos psiquiatras, daí o facto de ser necessária a contribuição de sociólogos, urbanistas, filósofos, educadores e políticos.

Consideramos um falso debate opor a via psicoterapêutica à via educativa. Numa psicoterapia de uma criança autista, por exemplo, há sempre uma dimensão educativa, como defendeu também o psiquiatra francês Hochmann: ensinar a diferenciar os afectos, nomeá-los, ligá-los entre si, não é uma aprendizagem, uma pedagogia do simbólico? Classificar as cores ou as formas não é também pôr ordem num mundo interior caótico?

Ao afirmar que *A arte de viver consiste em saborear o mel da vida mesmo quando a adversidade nos atinge...* levou João dos Santos a preocupar-se com a prevenção, como poucos pedopsiquiatras, que eram também psicanalistas, o fizeram.

Para João dos Santos, a prevenção e a investigação são as actividades nobres da Saúde Mental Infantil. Defendia que uma ética do futuro devia fundar-se na audácia, até na execução de *actos clandestinos* para melhor poder ajudar as

crianças e os jovens. Sem dúvida que poderá ser uma utopia mas, como diz Victor Hugo (1802-1885) *A utopia é a verdade de amanhã.*

A partir destes factos, deu-se o progressivo abandono de uma psiquiatria clássica estática para uma psiquiatria com uma visão mais dinâmica, que vê a criança como um ser em transformação, na qual nenhuma doença mental pode aparecer definitivamente estruturada. Assim, foi necessário abordar os problemas da saúde mental infantil em termos preventivos e globais da saúde da criança, numa atitude mais abrangente do que a da psiquiatria.

E até tenho sorte de ainda ter tempo de poder dizer estas palavras, para dar a conhecer o psiquiatra, o médico, que introduziu, em Portugal, a modernidade na maneira de observar e estar com a criança, e que ainda mantém uma actualidade impressionante. Esperamos que nada disto se perca.

Não será que o que relatei tem a ver com o futuro? Era tão avançado para a época, que parecia que nós todos, seus colaboradores, antecipávamos também o futuro!

Se é verdade que a sua voz nem sempre foi ouvida e que dos seus projectos muitos ficaram na gaveta, também é verdade que o nome de João dos Santos está, ainda hoje, ligado à vontade colectiva de criar, na fantasia ou na prática, de muitos profissionais da área da saúde mental infantil.

Também não esqueceu os administrativos, defendendo uma maior aproximação destes com os técnicos, para se obter uma maior colaboração e compreensão do trabalho que se desenvolvia. Por essa razão, era à noite, uma vez por mês, que se realizavam reuniões, onde estavam técnicos e os administrativos mais graduados, para discussão de alguns temas teóricos.

Se nós não passarmos para as administrações, para os gestores a importância da saúde mental infantil, as soluções tornam-se muito mais difíceis.

E deve-se a João dos Santos o entendimento deste facto aparentemente banal.

De igual modo não podemos esquecer a sua atitude para com os técnicos, o respeito pela autenticidade das suas atitudes, que ele bem sabia distinguir. Nos anos que trabalhei com ele, nunca o ouvi criticar alguém que desse uma opinião não concordante com a sua sobre uma criança ou família ou sobre qualquer assunto! Lembro que, depois de 1974, uma psicanalista brasileira, Sónia Salmeron, que se formou e viveu longos anos em Paris, depois de uma reunião clínica a que assistiu no Centro, dizer-lhe: *João, você faz aqui em Lisboa, o que foi a grande reivindicação dos técnicos no Centro Alfred Binet, em Maio de 68, porque só aos médicos é que davam a palavra!*

João dos Santos dirigia um Serviço com grande predomínio de mulheres - médicas, psicólogas, assistentes sociais, professoras e, talvez por essa razão ele mantinha uma distância adequada com as suas colaboradoras.

Todas as manhãs, João dos Santos tomava um copo de sumo de laranja, que a Amélia Duarte Silva preparava ternamente. Até o seu contracto foi particular: ao assumir as funções da Direcção, João dos Santos recebeu no seu gabinete uma jovem baixinha, muito viva, apenas com a instrução primária que, ao ter conhecimento que ali ia funcionar uma consulta para crianças, foi pedir-lhe emprego! É muito possível que ele tenha sido *tocado* pela sua história familiar relativamente dramática...

Já depois da morte de João dos Santos e, na sequência da reorganização dos Serviços, fui chefiar uma das equipas, localizada no Bairro da Encarnação, na periferia do concelho de Lisboa, muito afastado do centro da cidade. Pois bem, Amélia acompanhou-me, com a restante equipa, exigindo um esforço maior, dado a distância que ficava da sua residência! Passei também a beneficiar do mesmo sumo de laranja, que muito bem me sabia a meio da manhã!

Eu própria aprendi tanto com ele que, anos depois, ao chefiar o serviço, algumas das minhas atitudes eram, por vezes, inspiradas no que ele me tinha *ensinado*, sem ensinar, era apenas pelo exemplo. Seguem duas situações:

1º- um menino pendurado no portão da Clínica da Encarnação que eu chefiava, girava-o e a empregada veio chamar-me porque o pilar que o suportava já oscilava e a professora, a assistente social não o convenciam a sair. Fui ter com ele e segredei-lhe ao ouvido: *Se não saís daí apanhas uma bofetada que nunca mais esqueces na tua vida*. Ele saiu imediatamente a correr! O objectivo de João dos Santos era mostrar-nos que, quando necessário, o adulto tem que utilizar a autoridade, que é também a forma de ajudar a criança a crescer.

2º- a funcionária vem ter comigo e diz que há uma senhora na sala que está a fazer um escândalo porque a médica que ia ver o menino ainda não tinha chegado!

Telefonei à enfermeira, contei-lhe o sucedido e ela já sabia qual o procedimento: levou-a para o seu próprio gabinete, falaram e tudo se resolveu. Ninguém ousa atacar um serviço ou um técnico quando está sentado diante dele!

A família actual, face às rápidas e profundas modificações sócioeconómicas, tende a fragmentar-se e a alienar-se, correndo o risco de uma perturbação mental, particularmente evidente nas grandes metrópoles.

Tem que se pensar na esperança que os pais põem na escola. Quando essa esperança é defraudada – há uma falha da sua auto-estima, surgindo sentimentos de rejeição.

A miséria representa um peso de consequências incalculáveis na organização da saúde mental das crianças.

Torna-se cada vez mais difícil para a família constituir-se como um espaço para a organização mental da criança, sendo mais um espaço desorganizador dos afectos e do pensamento.

Quando os pais procuram os especialistas, eles não podem ser abandonados às suas inquietações, à sua desorientação.

Consideramos um grave erro metodológico, enviá-los a uma consulta de psiquiatria – a nossa intervenção é interferir na dinâmica relacional. No entanto, se esta for necessária, tem que ser estabelecida uma aliança terapêutica com o outro membro do casal, para podermos ajudar a criança.

Havendo uma perspectiva de vida mais longa, é indispensável também promover o elo entre avós e netos para a saúde das 3 gerações! Paradoxalmente, o que se assiste é a tendência para o isolamento da família nuclear...

Aqueles tempos que criaram Escola, com raízes nas experiências mais avançadas da Europa, deixaram referências obrigatórias na formação dos especialistas actuais. Apesar da crise e do desalento dos técnicos de então, acreditava-se que os horizontes não podiam ser negros e *que o saber só avança quando se é capaz de olhar a vida!*

Foi com este Mestre que eu tive o privilégio de aprender e trabalhar, que marcou profundamente a maneira de estar na minha actividade clínica. Como é bom, ainda ter tempo de dizer estas palavras.

Além de tudo o mais que aprendi que não vem nos livros: o modo de estar, o modo de receber e o respeito profundo pela criança e respectiva família, independentemente do seu estatuto social. E também o respeito pelos técnicos de todas as áreas que procuravam o Mestre para o ouvir.

E de tudo quanto disse, entende-se que continuamos a vislumbrar o futuro em João dos Santos, visto que permanece vivo e que as suas noções de saúde mental da criança e de prevenção, continuam perfeitamente actuais!

Se toda a educação tem que ser poética, como dizia Jacinto Prado Coelho (1920-1984), professor de Filologia Românica, de igual modo todo o estar, todo o ser,

todo o fazer... e, João dos Santos, como Poeta da Criança, era também, como afirmava a escritora Matilde Rosa Araújo (1921-2010), o evangelho junto dela...

Em 1984 foi agraciado pelo Presidente da República General Ramalho Eanes com o grau de Comendador da Ordem de Benemerência.

E em 1985, a Faculdade da Motricidade Humana atribuiu-lhe o título de Doutor Honoris Causa.

Foi também homenageado pela Ordem dos Médicos com a Medalha de Mérito.

Alertamos para o risco que existe de se instalar na Psiquiatria Infanto-Juvenil, uma perspectiva anti-humanista, em que a dimensão clínica e relacional se vê afastada em proveito de uma pseudo-modernidade objectiva, daí a urgência de divulgar a obra de João dos Santos, porque é um serviço que se presta à cultura e à causa das crianças e famílias. Estou certa que teria ficado muito profundamente chocado, ao assistir à administração corrente e, por vezes, abusiva de psicofármacos, em detrimento de outras intervenções terapêuticas.

Isto aconteceu a partir de 1992, aquando da reorganização dos Centros de Saúde Mental, que foram progressivamente despojados de determinados técnicos que participavam nas terapias. O que passou a ser importante para as entidades superiores, era o número de consultas, que servia para avaliar, erradamente, a qualidade dum serviço!

Onde está o sonho de João dos Santos, que devia persistir por toda a vida do Homem, como forma mágica de pensar?

E, finalmente, fazendo minhas as palavras de Einstein (1879-1955) por muito velho que se seja, pode ser-se mais jovem do que nunca. Isto, ao fim e ao cabo, quer dizer que não se deve romper o cordão que une ao sonho - as crianças, os jovens e também os técnicos!

Com efeito, a pessoa só é velha quando os desgostos tomam o lugar do sonho e, como disse o escritor irlandês Bernard Shaw (1856-1950) envelhecer é ser capaz de se ser mais jovem durante mais tempo do que os outros.

Pergunto: - Vale a pena continuar a utopia?

É obrigatório gostar daquilo que fazemos, para além de se gostar da Poesia, da Madrugada, do Sol, da Lua, da Sinfonia das flores, da alegria malandra do Vento!...

Deve ter-se um grande amor por alguém, ou mesmo sentir a falta de o não ter – para se poder viver e aguentar o peso dos anos e da dor!

Estas são as palavras cruzadas do meu sonho, palavras encerradas na prisão da minha vida e roubadas ao Poeta António Ramos Rosa...

E assim escreveu outro poeta: o psicanalista, o psiquiatra João dos Santos que nos deixou com 73 anos: *Por pouco não matei toda a gente, para ficar só com os bons, os sábios e os inteligentes. Cansado de procurar a verdade, acabei por matar em mim o desejo de matar!...*

Provavelmente como acontece com todos nós?...

Na década de 70, João dos Santos falou-nos do *Alienista* de Machado de Assis, o que me levou a comprar o livro. Depois de conhecer o Autor, em seguida comprei do mesmo *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Desta obra transcrevo o seguinte: *Toda a gente viajou: Xavier de Maistre à roda do quarto, Garrett na terra dele, Stern na terra dos outros. De Brás Cubas se pode talvez dizer que viajou à roda da vida.*

RESUMO

A autora refere que teve o privilégio de conhecer e de trabalhar com João dos Santos, o que lhe permite dar a conhecer o psiquiatra, o médico, o pedagogo que introduziu em Portugal a modernidade na maneira de observar, de estar com a criança, e que ainda mantém actualidade.

Se desde muito cedo (anos 40 do século XX) esteve ligado aos problemas da educação, também lutou pela necessidade dos serviços de saúde materno-infantis estabelecerem medidas preventivas ao nível da saúde mental infantil. Considerava que a saúde mental não é um campo estritamente médico e que era um assunto demasiado sério para ser entregue só aos psiquiatras, necessitando da contribuição de sociólogos, urbanistas, filósofos, educadores, urbanistas.

Para João dos Santos, a prevenção e a investigação são as actividades nobres da saúde mental infantil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Assis, Machado de - *O Alienista*. Edição Brasileira
2. Duarte, Paula Taborda e Cruz, Manuela. *João dos Santos - o Prazer de Existir*. Lisboa, edição conjunta da Liga Portuguesa dos Deficientes Motores e Colégio Eduardo Claparède, 1994.

3. Mendonça, Maria Manuela de - *Mais vale prevenir. Memórias de uma Época e de um Contributo para a Saúde Mental Infantil*. Coimbra, Edições Minerva, 2002.
4. Vidigal, Maria José. - *O que aprendi com João dos Santos que não vem nos livros*. Comunicação nas Comemorações do Centenário de João dos Santos. Publicado no site "João dos Santos no século XXI", 2013 em <https://joaodossantos.net/contributos/o-que-aprendi-com-joao-dos-santos-que-nao-vem-nos-livros-2/>.
5. Vidigal, Maria José; Queiroz, Maria Isabel S. Braga; Cruz, Maria Manuela; Santos, Maria Paula Grijó dos; Guapo, Maria Teresa. - *Memórias de Utopias: elementos para a história da saúde mental infantil em Portugal*. Lisboa: ISPA, 1999.
6. Vidigal, Maria José. - *Contributos para a História da Psiquiatria e Saúde Mental em Portugal*. Lisboa, Trilhos Editora, 2016.